

Eduardo Prado

A ILUSÃO AMERICANA



eBooksBrasil

www.ebooksbrasil.org

A Ilusão Americana
Eduardo Prado

Versão para eBook
eBooksBrasil

Edição baseada na digitalização da edição em
papel de 1917

Livraria e Oficinas Magalhães

A numeração das notas da edição digitalizada foi
alterada para facilitar a leitura em eBook

Ortografia atualizada de conformidade com o
Dicionário Aurélio eletrônico Século XXI, nov.
1999

Variantes em relação ao texto digitalizado estão
indicadas por asteriscos.

©2002 — Eduardo Prado

ÍNDICE

O Escritor de “A Ilusão Americana”
Leopoldo de Freitas: 4

A Ilusão Americana: 19

II: 107

III: 148

IV: 158

V: 185

Apêndice: 189

Notas e variantes: 194

O Escritor de “A Ilusão Americana”

“... Sinto a dupla felicidade de louvar, através do homem que tanto prezo; terra que tanto amo.”

Eça de Queiroz, o primoroso estilista da *Casa de Ramires*, assim disse do fino espírito do dr. Eduardo Prado, num artigo da *Revista Moderna* de Julho de 1898.

Ninguém melhor do que o romancista português apreciou e literariamente analisou as qualidades, o talento e as preferências do vigoroso escritor brasileiro, nesta célebre publicação na cidade de Paris.

O dr. Eduardo Prado foi publicista que se distinguiu com brilhantismo em nossa literatura. Ele era nacionalista, muito amava as causas da pátria brasileira, não obstante os tempos que passou em viagens mundiais, instruindo o seu espírito, distraíndo-se e observando civilizações diferentes.

Nascido nesta capital de S. Paulo, em 1860, era filho do consórcio da ilustre Sra. d. Veridiana da Silva Prado com o dr. Martinho Prado.

O dr. Eduardo Prado escutou as portas do saber desde muito moço e tendo concluído o bacharelato, na Faculdade de Direito, que nos países latinos se tornou um complemento do batismo, pouco depois defendeu teses, e doutorou-se, foi quando empreendeu suas peregrinações.

Escritor e jornalista, ele revelou-se desde estudante na imprensa acadêmica e depois no *Correio Paulistano*. Escreveu as monografias e brochuras: *Viagem ao Rio da Prata*; *Viagens*; *Viagem ao Oriente*; *O problema da Imigração*; *A Arte no Brasil*; *Fastos da Ditadura Militar no Brasil*; *A Ilusão Americana*; *Conferência sobre a vida e a ação do Padre Anchieta*; *Discursos proferidos no Instituto Histórico de S. Paulo*; *A Bandeira Nacional*; *Vida do Padre Manoel de Moraes*; *Terra Roxa*, este manuscrito perdeu-se; numerosos artigos da redação d'*O Commercio de São Paulo* e que foram publicados nas *Coletâneas*.

“Em tudo isto, — acertadamente disse o inolvidável literato dr. Afonso Arinos, no seu discurso de 18 de Setembro de 1903, na Academia Brasileira: — encontramos Eduardo

Prado com os seus contrastes, o seu sarcasmo, a sua vivacidade, a singular harmonia entre as coisas sérias e as coisas alegres, as coisas leves e as coisas profundas.”

Brasileiro e americanista, o fluente e brilhante escritor paulista empregou as energias da sua inteligência, os recursos da observação e a coragem das idéias, na ocasião em que se operou neste país a transformação do regime governamental.

Eduardo Prado veio para a fileira do combate aos políticos que fizeram a República.

Achava-se então na Europa, e pertencendo a comissão representativa do Brasil na Exposição Universal de Paris, tinha colaborado no excelente livro *Le Brésil en 1889* com a publicação dos dois artigos *L'Art e Immigration*; fez uma viagem ao país de Portugal, que ele tanto estimava afetuosamente e apreciava espiritualmente e logo na "Revista de Portugal", o escritor com o pseudônimo de Frederico de S., principiou a tratar dos "Acontecimentos do Brasil" em artigos que antecederam os *Fastos da Ditadura Brasileira*.

Estas publicações ecoaram com vibração intensa por todas as cidades deste país. Ignorava-se quem era Frederico de S., que analisava e criticava com o rigor da sua lógica aos desmandos

e aos erros do novo regime proclamado pelo exército e armada em nome do povo.

Soube-se mais tarde que esse vigoroso escritor era o dr. Eduardo Prado que com a sua costumada independência declarava:

“O Brasil está neste momento sob o regime militar. Quanto tempo durará esse regime? No tempo do Imperador, quando o soberano resistia aos ministros, se estes insistiam — a coroa cedia.

Hoje quando o marechal Deodoro pensar de um modo e os seus ministros de outro quem cederá?

A espada que não tremeu ao ser desembainhada contra as instituições que o general jurara defender, não precisará mesmo reluzir de novo para fazer emudecer e sumir-se debaixo do pó da terra os novos ministros, talentosos patriotas, mas patriotas desarmados!”

Patriota na acepção legítima da expressão o dr. Eduardo Prado “agarrou-se às tradições do passado sem temor de ser esmagado no caminho; segurou-se ao rochedo da nossa História, viveu nela, viveu por ela e morreu fiel a ela...” Então respondeu de uma vez aos seus adversários e detratores:

“Anti-patriotas, nós? É uma injustiça! Nós que exaltamos a coragem do nosso povo, a sua energia, a sua constância; que temos um imenso amor pela sua História, pelo drama da conquista desta terra; que, com reverência, amamos a nossa raça e tudo que a ela se refere: as lendas da sua vida primitiva, as tradições do seu passado; que amamos a língua que falamos, a arte de nossos pais d’além mar; que temos imensa ternura pelo homem do campo, que com ele convivemos, ouvindo-lhes as longas narrativas e o pitoresco falar: nós, que temos votado a vida ao estudo de tudo quanto é brasileiro — nós não temos patriotismo!...”

Ainda é o dr. Afonso Arinos, no formoso discurso acadêmico de 1903 quem nos conta: — Moniz Barreto, “aquele moço de gênio que morreu em Paris aos trinta anos, depois de ter-se nos revelado um pensador, disse verbalmente a mim que Eduardo Prado era uma das mais completas organizações de escritor que ele jamais vira.”

E das suas qualidades de escritor de combate que as condições do Brasil obrigaram-no a adotar, disse o fulgurante estilista Eça de Queiroz:

“...Todos os seus livros são guerras e ele intelectualmente um guerrilheiro.

Desde a primeira página ao primeiro frêmito, as idéias alçam o pendão, as ironias despedem a sua flecha, os argumentos brandem a sua clava, as citações clamam, as cifras silvam e, na pressa e excitação da lide, tudo rompe, um pouco tumultuariamente, num arranque para avante, contra a causa detestada que urge demolir!...

E mesmo quando em dias de paz, recolhido e quase ajoelhado, glorifica, como na Apologia do padre Anchieta, ainda alguma confusão se estabelece no seu estilo — mas docemente alvoroçada e enternecida, como a de turba piedosa que se empurra para um altar amado.

É que os seus livros são sempre atos intensamente vivos, ora uma hoste em marcha ora um povo em prece... Ele concebeu e trabalhou todos os seus livros num momento de urgência, por impulsivo patriotismo para atacar idéias ou homens de quem receava a desorganização do Estado ou para animar aqueles que reagiam contra essa desorganização pela força latente de alguma virtude social.”

Eça de Queiroz confirma esta apreciação da índole do publicista Eduardo Prado e da situação que coube ao Brasil transformado em República pelo pronunciamento militar e pela ação dos propagandistas democráticos, dizendo:

“Assim a vitória do Jacobinismo político e do fanatismo positivista determinou essas veementes crônicas de Frederico de S., *Os Fastos da Ditadura*, que acompanharão, na História, a ditadura com um silvar, de certo amortecido, mas perenemente desagradável de látego.

Assim as tendências norte americanistas da República provocaram esse esplêndido libelo, *A Ilusão Americana*, o mais forte que se tem construído contra a raça neo-anglo-saxônia, tal como a moldaram na América um solo novo, o uso muito duro da escravatura, o contato violento com as raças bárbaras, o excesso de democracia utilitária e a carência de uma tradição.”

Valente beluário foi o dr. Eduardo Prado, e como tal mestre na redação de panfleto, gênero de literatura que costuma aparecer nos períodos de agitação partidária e de veemência de paixões políticas.

Ainda é o romancista Eça de Queiroz quem nos vai dizer acerca da arte de panfletário em que o talento do dr. Eduardo Prado teve relevo:

“Todos os seus livros políticos desde os *Destinos do Brasil*, perfeito estudo de psicologia social são, pois panfletos... Certamente realizam e com singular rigor, a definição de panfleto formulada por Paulo Louis Courier, mestre panfletário deste século.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

